

O FUTURO DE SENNA NA F1

PLACAR

N.º 844 28/JULHO/1986 Cz\$ 17,00



**CARECA
DE BEM
COM
A VIDA**

REDAÇÃO: Rua Uruguai, 100 - Centro - Rio de Janeiro - RJ - CEP 20010-000. Fone: (21) 250-0000. FAX: (21) 250-0001. E-MAIL: placar@editora.abril.com.br



**O SALDO DO MUNDIAL
DE BASQUETE**
**O BI DO
GRÊMIO!**



Hintnaus: equipamento invejado

O HOMEM DAS VARAS

Os dez atletas brasileiros que disputaram a prova de salto com vara no Troféu Brasil, em São Paulo, dia 13 passado, não escondiam uma pontinha de inveja de Thomas Hintnaus. Nascido em Santa Catarina, ele se mudou aos dois anos para os Estados Unidos. Tem passaporte brasileiro e participa das principais competições por aqui a fim de conseguir índices para grandes eventos. É bem mais fácil, convenhamos, que tentar conseguir uma vaga na equipe norte-americana.

A inveja, na verdade, não era fruto da quantidade de autógrafos que ele andou distribuindo nem por ter conquistado mais uma vez a medalha de ouro, mesmo saltando muito abaixo de seu recorde sul-americano (5,76 m).

É que, para os 40 saltadores do Brasil, existem apenas 70 varas disponíveis em clubes e federações. Só em sua casa, na cidade de Los Angeles, Hintnaus, 28 anos, tem 35 para uso próprio. "Eu gostaria de doar algumas para os saltadores brasileiros", garante ele. "Mas é muito complicado passar pela alfândega. Cobram tantos impostos que elas acabam custando quatro vezes mais."

SOFT-TÊNIS, NÔ?

O beisebol, o sumô e o kendô são os esportes mais conhecidos praticados pela colônia japonesa no Brasil.

A partir do próximo dia 30, no entanto, com a realização de um torneio internacional, no Ginásio do Pacaembu, em São Paulo, o soft-tênis pretende também conquistar seu espaço.

Criado no Japão em 1895, o esporte só chegou ao Brasil 11 anos atrás. As diferenças com o tênis tradicional são mínimas. A bola é mais leve, a raquete tem a forma de uma pêra e os jogos são sempre disputados em duplas. Curiosamente, o Brasil tem um bom dueto, candidato até ao título. E um deles não é descendente de japoneses. Trata-se do estreante Walter Tichauer, que joga ao lado do bicampeão brasileiro Marcelo Missaka, ambos com 21 anos. "Não encontrei nenhuma barreira da colônia para praticar o esporte", garante Walter, estudante de Engenharia. "Mesmo assim, não acredito que o soft-tênis se torne popular no Brasil a curto prazo."

FIADO SÓ AMANHÃ

Sabe o que é preciso fazer para o arroz ficar gostoso e um lateral de futebol jogar bastante? Os dois devem estar soltinhos. Brincadeiras à parte, o



Walter com Missaka: entrando na colônia



Zé Teodoro e o Arroz Bonfim: lucros

lateral-direito Zé Teodoro, do São Paulo, curte os lucros de seus negócios em Goiás. Desde 1980, ele e um de seus oito irmãos, Fernando, tocam duas firmas de beneficiamento, industrialização e revenda de arroz e farinha. Aproveitando a boa imagem no futebol goiano, este ex-craque do Goiás emprestou sua imagem para a embalagem do Arroz Bonfim.

A empresa começa a crescer. Eles passarão a empacotar também feijão, açúcar e sal. No próximo mês, Zé Teodoro viaja para Goiás e fará uma nova foto, em pleno Estádio Serra Dourada, para ilustrar as novas embalagens. O arroz só é vendido em Goiás, mas tem admiradores em São Paulo. O companheiro Pita e o preparador físico Beбето costumam ser sempre presenteados por Zé Teodoro. Até o presidente Carlos Miguel Aidar já chegou a pensar em encomendar o produto para as refeições no clube. "Mas já avisei que o pagamento é à vista", diverte-se o lateral. "Não faço fiado."

BRAVO SÃO PAULO

O tricolor vence o Corinthians, mantém vivas as esperanças de chegar ao bicampeonato e mostra que Careca anda mesmo em estado de graça



Como a rosa da poesia, um clássico é um clássico. O de domingo passado, 20, entre São Paulo e Corinthians, possuía ingredientes que o tornavam mais saboroso. Nada menos que seis jogadores que disputaram a última Copa do Mundo estariam em campo. Do lado tricolor, Müller, Silas, Careca e o uruguaio Darío Pereyra; os corintianos vinham de Carlos e Casagrande. Mesmo assim, pouco mais de 25 000 torcedores foram ao Morumbi para assistir à vitória são-paulina por 2 x 1, que manteve vivas as chances do time de participar do quadrangular decisivo do Campeonato Paulista.

E este foi um jogo de Careca. Ele foi autor dos dois gols do São Paulo, quando mostrou o mesmo futebol mágico que o consagrou no México. "Acredito que nenhum outro jogador acertaria um chute daqueles", resignava-se o goleiro corintiano Carlos, companheiro de Seleção Brasileira. Carlos referia-se ao toque por cobertura, cheio de veneno, com que Careca abriu o marcador. O Corinthians ainda chegou ao empate através de Cristóvão, mas Careca resolveu o problema para sua equipe.

MELHOR DO JOGO — Ele parece mesmo estar vivendo um momento maravilhoso em sua carreira e na vida pessoal (veja a reportagem a partir da página 38). Saiu de campo com

todos os prêmios de melhor do jogo e garantindo que o São Paulo chegará ao bicampeonato. Do lado de fora do vestiário tricolor, o empresário Marcos Lázaro prosseguia sua caçada a uma autorização para negociar o passe do centroavante com um clube europeu. Fofocas dominicais davam conta de que o Everton, da Inglaterra, estaria disposto a desembolsar 2 milhões de dólares — cerca de 27,7 milhões de cruzados — para tê-lo no time. Assim, Careca iria desfilar seu talento na mesma encardida Liverpool que viu nascer um certo quarteto chamado The Beatles. O presidente do São Paulo, Carlos Miguel Aidar, contudo, acha que ele vale o dobro.

Quem estava mais satisfeito que o atacante era o técnico José Carlos Serrão. Ele foi confirmado até o final do Campeonato em lugar de Ciliinho, que, na última terça-feira, 15, deixou o clube alegando ter abandonado o futebol (veja o quadro). "Fiquei emocionado com o empenho deles", confienciava Zé Carlos, um ex-jogador — e de talento — do próprio São Paulo na década passada.

"Ainda temos duras batalhas pela frente", acentuava o zagueiro Darío Pereyra. De fato, com a vitória



Mirandinha (9), em Sorocaba: depois da derrota do Palmeiras, violência

CLAUDINE PETROLI



Careca, de punho cerrado, executando o Corinthians: acreditando no São Paulo

ria, domingo à noite o São Paulo somava 11 pontos no retorno — oito a menos que a líder Internacional de Limeira (veja como está a colocação geral e no segundo turno). Ainda tem sete jogos para fa-

zer, entre os quais dois clássicos: contra Palmeiras e Portuguesa.

A situação do Corinthians não é muito melhor, embora ainda tenha oito jogos para fazer. Sábado que vem, 26, por exemplo, enfrenta o

acusado de “frangueiro” e “corinthiano”. Coçando a orelha esquerda, o goleiro, de 37 anos, caminhou rapidamente para o ônibus da delegação. É evidente que nem todo o mundo estava contra Leão. Mos-▷

Santos, num clássico cheio de histórias, conforme mostra a reportagem a partir da página 31. A intranquilidade do alvinegro começa pelos próprios boatos de que o técnico Rubens Minelli estaria com um pé no futebol árabe. “Minha meta é vencer o Paulistão”, diz Minelli, negando-se a discutir se, novamente, seu camelo irá atracar em algum milionário oásis da vida.

PEDRAS NO ÔNIBUS — E, enquanto a Inter de Limeira, que empatou em 0 x 0, sábado, com o Juventus, segue na ponta, outros grandes vão derrapando pelo caminho. Na rodada de domingo, o Santos perdeu de 1 x 0 em Novo Horizonte, enquanto o Palmeiras foi derrotado pela mesma contagem em Sorocaba, pelo São Bento. Se, como campeão do primeiro turno, o Santos já está classificado para a fase final, o Palmeiras ainda não tem nada garantido.

Talvez por isso a torcida alviverde tenha tido uma reação tão violenta depois da partida. O ônibus foi apedrejado e só saiu do estádio sob forte proteção policial. Pior que isso: dois tiros foram ouvidos, com torcedores e policiais se acusando mutuamente pelo triste acontecimento. O goleiro Leão, que a partir da página 46 fala de seus planos para o futuro, foi

LEVI MENDES JR

“Frangueiro.” Era a torcida palmeirense acusando Leão

trando uma foto do jogador, Selma, de 21 anos, alardeava ser sua fã desde a Copa de 1978, na Argentina. Selma vestia, é verdade, uma apertada camisa do São Bento. Mas não se avexava em transbordar sua admiração. “Sou macaca de auditório dele”, suspirava a bela mulata.

Alfredo Ogawa, Betise Assumpção, Gerardo Landulfo e Ubiratan Brasil



LEVI MENDES JR

Pinella, envolvido por Müller e Sínei: corintianos sempre intranquillos

CILINHO, O TÉCNICO: 1960-1986

Ao se reunir com os jogadores do São Paulo no último dia 15, o técnico Cilinho mais parecia alguém disposto a trocar a vida por um convento das Carmelitas Descalças. “Estou desiludido com o futebol e largando a profissão”, anunciou sem rodeios diante da perplexidade geral. Dias antes, ele havia concedido uma entrevista a PLACAR, publicada na edição 843, na qual traçava planos para o futuro do futebol brasileiro. Com 26 anos de carreira ele era, então, um forte candidato a dirigir a Seleção nacional.

“Ele havia me dito que faria isso, mas não acreditei”, diz sua mulher, dona Priscilla. E, de fato, a reação no Morumbi não foi muito diferente. “Isso é brincadeira”, sentenciou o goleiro Gilmar, imitando o forte sotaque caipira do técnico e provocando risos no próprio Cilinho. “Não é, não”, atalhou o treinador. “Vou-me dedicar à pecuária.”

“Na verdade, ninguém entendeu nada”, conta o centroavante Careca. Em seguida, os jogadores, a comissão técnica e o presidente Carlos Miguel Aidar tentaram demover Cilinho de tomar tal atitude. Inútil. “Você não pode fazer isso com a gente, chefe”, implorou Darío Pereyra.

Mas a decisão estava tomada. Meio boêmio, meio filósofo, Cili-

nho é também um teimoso inveterado. E sempre teve um temperamento intempestivo. Apesar dos boatos de que teria recebido uma fabulosa proposta do futebol árabe, ele alega que já entrou com o pedido de aposentadoria. Precoce, sem dúvida, mas talvez não definitiva. Até o final desta edição, porém, o marcador da história apontava: Cilinho, o técnico, 1960-1986.

João Carlos Rodriguez



NELSON COELHO

Cilinho: agora, a pecuária

COMO ESTÁ

CLASSIFICAÇÃO GERAL — APÓS 20/7

COLOCAÇÃO	PG	J	V	E	D	GP	GC
1.º Internacional	40	30	15	10	5	42	21
2.º Santos	37	34	15	7	12	41	38
Palmeiras	37	31	13	11	7	40	24
4.º Juventus	36	31	13	10	8	38	32
5.º Portuguesa	35	29	14	7	8	44	30
6.º Corinthians	34	30	12	10	8	38	27
7.º Santo André	32	30	9	14	7	23	27
São Paulo	32	31	8	16	7	37	32
Mogi-Mirim	32	32	8	16	8	34	31
10.º São Bento	31	30	11	9	10	24	29
11.º Ponte Preta	30	31	10	10	11	37	35
12.º Ferroviária	29	32	9	11	12	31	31
Paulista	29	32	9	11	12	35	44
14.º Comercial	28	32	8	12	12	30	40
Guarani	28	31	7	14	10	31	37
16.º América	27	30	8	11	11	24	27
XV de Pirac.	27	31	7	13	11	27	35
18.º Botafogo	26	31	9	8	14	31	47
19.º Novorizontino	25	30	9	7	14	34	42
XV de Jaú	25	32	9	7	16	29	40

CLASSIFICAÇÃO — 2.º TURNO — APÓS 20/7

COLOCAÇÃO	PG	J	V	E	D	GP	GC
1.º Internacional	19	11	8	3	0	17	4
2.º Santo André	14	11	5	4	2	8	6
Palmeiras	14	12	4	6	2	12	5
América	14	11	4	6	1	8	3
5.º Mogi-Mirim	13	13	4	5	4	14	14
Juventus	13	12	3	7	2	10	10
7.º Novorizontino	12	11	5	2	4	14	14
Corinthians	12	11	4	4	3	11	8
Paulista	12	13	4	4	5	14	14
Botafogo	12	12	4	4	4	8	12
Ferroviária	12	13	3	6	4	9	8
12.º Santos	11	15	4	3	8	11	23
XV de Jaú	11	13	4	3	6	11	14
São Bento	11	11	4	3	4	10	13
Comercial	11	13	3	5	5	9	12
São Paulo	11	12	2	7	3	13	14
17.º Portuguesa	10	10	4	2	4	15	9
XV de Pirac.	10	12	3	4	5	6	11
19.º Ponte Preta	9	12	3	3	6	11	13
Guarani	9	12	1	7	4	6	10

Obs.: Não estão computados os pontos de Portuguesa x Novorizontino.

UM HOMEM DE BEM COM A VIDA

Sensação na Copa do Mundo, o desligado centroavante do São Paulo toca o barco como sempre: na base da simplicidade e do bom humor

Em janeiro passado, o ex-técnico da Seleção Argentina César Luis Menotti, campeão do mundo em 1978, fez um exercício de futurologia: "A Dinamarca e o centroavante Careca deverão ser as duas sensações da Copa". A frase passou batida. Os dinamarqueses estreariam em um Mundial sem nenhuma tradição no futebol. Quanto ao brasileiro, ainda tinha em seu encaixe a incômoda fama de "amarelar com a amarelinha".

Hoje, mesmo levando-se em conta o sem-fim de bobagens ditas pelo comprido argentino a respeito da Seleção de seu país e do supercraque Diego Armando Maradona, é difícil não lhe conferir um certo crédito. Duas, pelo menos, ele acertou. Quem não ficou de olhos cheios com a desenvoltura, criatividade e eficiência com que a equipe nórdica e o jogador brasileiro trataram a bola nos campos do México?

Há uma diferença, porém. Se o time dirigido por Sepp Piontek ainda pode ser acusado de ingênuo e descuidado, não há quem ouse dizer o mesmo de Careca. Além de inteligente e habilidoso, ele foi corajoso e decisivo na armação das jogadas. "Com todo o respeito aos demais, o Brasil só chegou até a França por causa de Careca", assegura Paulo Roberto Falcão.

De fato. Dos dez gols marcados pela Seleção Brasileira na Copa, o centroavante são-paulino só não participou dos dois petardos disparados pelo lateral Josimar, contra Irlanda do Norte e Polônia. Além de autor de cinco gols, Careca foi deci-

sivo nos outros três: chutou na trave para Sócrates marcar o único gol na vitória sobre a Espanha; sofreu o pênalti, assinalado também pelo Doutor, que abriu a contagem contra os poloneses e, no mesmo jogo, deu de calcanhar para o capitão Edinho fechar a goleada de 4 x 0.

"Dei uma de cobra criada", conta o jogador. "Antes, eu era uma minhoca no meio das cascavéis", compara. Ou seja, aprendeu a jogar com as mesmas cartas que, anos atrás, prejudicavam seu jogo. Na verdade, esta é sua explicação humorística para os que se surpreenderam com a atuação no México. Careca jamais usou — ou usará — métodos pouco louváveis para conseguir o que quer. "Não aceito traição", diz, convicto. Por isso mesmo não cita nomes.

"NÃO CONTE COMIGO" — De bom na Seleção, ele trouxe pouca coisa além da satisfação de, com seus pés, ter calado a boca de muita gente. "Só valeria se tivéssemos sido campeões", consola-se. Careca ainda parece inconformado com a desclassificação. Mas isso passa. O que ele nunca concordará é com a falta de vontade de alguns. "Tinha jogador que queria apenas disputar mais uma Copa", amarga-se. E lembra-se de uma história: "Antes dos últimos dois cortes, Telê disse que só precisava de gente que quisesse vencer. Naquela hora, muito nego deveria ter levantado e di-▷

O Careca de que a torcida gosta mais: participando de oito dos dez gols da Seleção no México

PEDRO MARTINELLI





to: 'Então, não conte comigo'".

Esse paulista de Araraquara, libriano, 25 anos (4/10/1960) e 1,79 m é assim. Exige das pessoas a mesma correção e honestidade com que as trata. E um exemplo disso foi o fato de ter rescindido o contrato com a empresa de material esportivo Puma no meio do Mundial. "Eles disseram que todos ganhariam o mesmo material e cachê. Mas não foi o que aconteceu", lembra. Indignado, Careca ainda esperou brilhar em campo para dar o revide. "Quando eles me ofereceram mais dinheiro e chuteiras, eu disse que não queria nada", desabafa. Agora, está tranqüilo. Retomou o patrocínio da indústria japonesa Mizuno. "Japoneses nem sabe o que é se aproveitar dos outros", alivia-se.

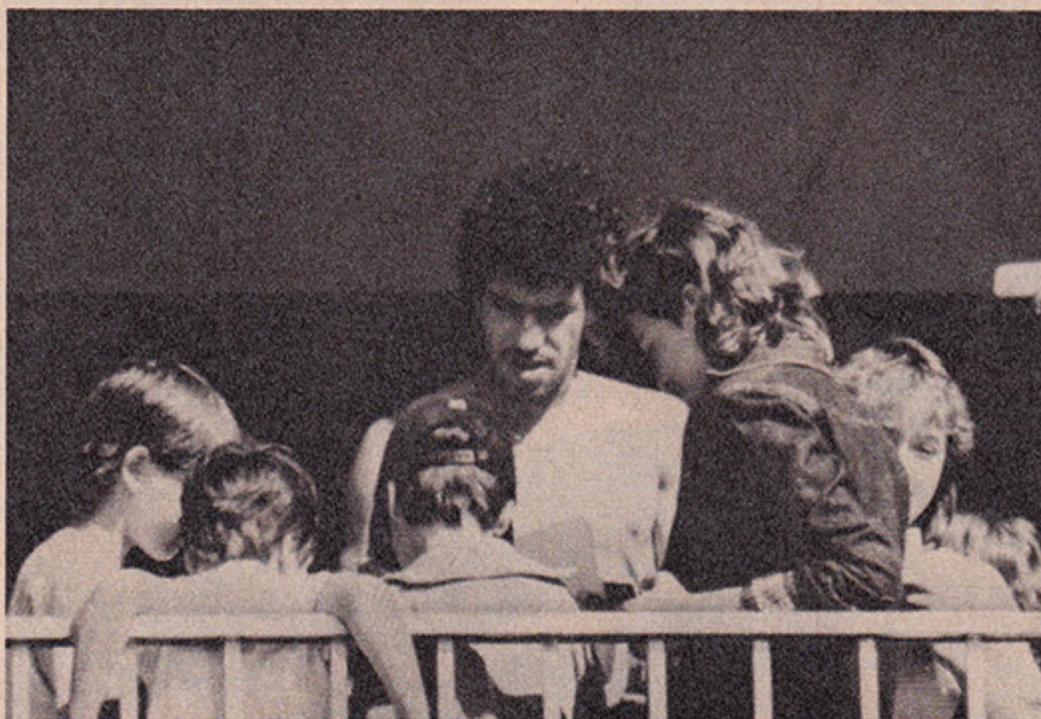
Os chamados "malandros", aliás, são os únicos capazes de irritar o irreverente e debochado Antônio Oliveira Filho, que ganhou o apelido na infância por ser tiete do palhaço Carequinha. "Ele está sempre brincando com todo mundo", revela o lateral Nelsinho, do São Paulo. Companheiro do centroavante em animadas churrascadas, Nelsinho diz se sentir à vontade ao lado de Careca. "Ele trata todo mundo igual", elogia.

SORRISO LUMINOSO — Nem sempre, porém, o artilheiro do Brasil no México colhe bons frutos disso. Dois dias depois de se apresentar no Morumbi, na volta da Copa, um juvenil teve a ousadia de chamar-lhe a atenção num treino. "Ele me disse para eu cuidar da minha parte que ele fazia a dele", recorda. "Meu moral estava mesmo lá embaixo", diverte-se.

Desligado a ponto de guardar o número do próprio telefone na memória do relógio digital ou de sem-

Guarda o número do próprio telefone na memória do relógio

pre se esquecer de levar a chave para o sítio que tem perto de Campinas, Careca dá a impressão de que jamais fará mal a alguém. Ainda mais quando sorri. Até mesmo as crianças, ávidas por autógrafos ou por sua camisa, acabam hipnotizadas e se esquecem de seus pedidos diante da luminosidade de seu sorriso. "Não dá para atender a todos", diz, sorrindo, aos fedelhos que o cercam na saída dos jogos. E



Um ídolo que encanta as crianças: incapaz de dizer não

eles vão embora. Conformados e encantados.

A verdade é que o mesmo endiabrado atacante que inferniza as defesas adversárias parece incapaz de dizer não. "Eu fico sempre naquela do 'depois a gente vê isso'. Ou no 'me liga amanhã'", admite. Esta foi a solução. Em casa, a mulher Maria de Fátima, grávida pela terceira vez — têm Aline, dois anos, e Ellen, sete meses —, trata de despachar os chatos. "Ela sabe dispensar os caras que sempre têm um negócio bom para você. E na maioria das vezes, só é bom para eles mesmos."

A dúvida é outra coisa que convive normalmente com ele. O bigode,

raspado no México, pode reaparecer a qualquer momento. O Monza, adquirido há dez dias, deverá ser trocado por uma Caravan nas próximas semanas. Ele é apaixonado por carros. "Queria mesmo ter um Porsche Carrera", segreda. "Mas o dinheiro ainda não dá", explica.

REDUZINDO O PREÇO — A esperança de realizar esse sonho está na possível transferência para o exterior. O Nantes, da França, que estava interessado no goleador são-paulino no ano passado, desistiu do negócio por considerar seu pedido muito alto — quantia que ele não revela. Agora, Careca já solicitou aos dirigentes do São Paulo para não exigirem mais que os 2 milhões de dólares (cerca de 28 milhões de cruzados) avaliados por seu passe. "Quero provar, desta vez, que posso jogar lá fora", sentencia.

Alguns ainda duvidam. Este não é o caso do presidente do clube, Carlos Miguel Aidar. Mas, no que depender dele, a transferência não acontecerá. Pelo menos, não por aquela quantia. "Careca vale mais que o dobro", garante. Aidar se baseia nos preços atingidos pelo uruguaio Francescoli e pelo inglês Liniker, recentemente vendidos para o futebol europeu por 3 e 4 milhões de dólares, respectivamente. "Careca dá de 10 x 0 em ambos", acredita.

O que acontece é que o São Paulo não tem mesmo o menor interesse em perder o melhor centroavante do país. "Só não me arrisco dizer que é o melhor do mundo porque não conheço todos", acentua o presidente. A frase não parece absurda. Afinal, a torcida brasileira sonha ter por perto da camisa amarela aquele jogador que, faz pouco tempo, tinha a fama de amarelar.

Betise Assumpção

DIGITALIZAÇÃO, TRATAMENTO, EDIÇÃO E MONTAGEM

MICHAEL SERRA

**ARQUIVO HISTÓRICO DO
SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE**

2025



ONDE A MOEDA CAI DE PÉ